

“Por um poeta sem rótulo de difícil, não emocional e sério”: uma conversa com Inez Cabral*

Edneia Rodrigues Ribeiro*

Como conquistar novos leitores para a poesia de João Cabral de Melo Neto? De que maneira a imagem de poeta difícil e racional interferiu na recepção da sua obra? A presente entrevista parte dessas e de outras inquietações que levam Inez Cabral a desejar que a obra do pai-poeta – “figura mítica, ensinado nas escolas e adotado nas provas de literatura do vestibular, mas depois esquecido e nunca mais lido a não ser por quem fizesse letras” (CABRAL, 2016, p. 07) – seja cada vez mais conhecida, lida e amada.

No ano em que se comemora o centenário de nascimento de um dos maiores poetas da língua portuguesa, Inez Cabral, na condição de organizadora de publicações póstumas e de antologias importantes, avalia a recepção da obra de João Cabral, após 20 anos do falecimento do poeta. Além de demonstrar o cuidado para difundir a obra do pai, ela conta sobre dificuldades de se trabalhar como cineasta, no Brasil; comenta sobre o seu projeto de filmar **Auto do frade** (1984) e descreve a emoção sentida ao ler um poema inédito em sua homenagem – “Nenhuma filha no mundo”.

A poesia de João Cabral caracteriza-se por evitar derramamentos líricos e confissões íntimas. São raras as referências aos familiares na sua obra, exceto algumas dedicatórias de livros e de poemas. Esse traço se mantém em seus textos inéditos descobertos durante pesquisa, realizada entre

* Entrevista realizada em agosto de 2020, por e-mail.

** Instituto Federal de Educação do Norte de Minas Gerais (IFNMG) – Campus Montes Claros. Professora de Literatura no IFNMG. Doutora em Letras-Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7070-7912>.

2016 e 2018, para escrita da tese de doutoramento de minha autoria – **Um Museu de duas faces: poesia de circunstância em João Cabral de Melo Neto** – defendida, em abril de 2019, no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a orientação do professor e poeta Sérgio Alcides.

O espólio documental de João Cabral, doado por seus familiares para o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa, tem muito a oferecer aos estudiosos de sua obra. Durante essa pesquisa, foram identificados e transcritos os seguintes documentos que não constam na obra completa¹ ou em outros livros de João Cabral: uma conferência de 29 laudas datilografadas, “A poesia brasileira”, “escrita no Recife, em 1954, mas nunca publicada”, conforme anotações do próprio autor; cerca de 30 textos curtos, identificados como artigos de jornal e programas de rádio; mais de 50 poemas inéditos e outros dispersos. Parte desse material integra as seções de Inéditos e Dispersos da **Poesia completa de João Cabral** (2020), organizada por Antonio Carlos Secchin, com a minha colaboração.

Entre esses poemas inéditos, “Nenhuma filha no mundo” diferencia-se ao trazer elementos da esfera privada. Ele se refere a Inez Cabral, que havia aparecido, por meio da imagem da filha, Dandara, homenageada pelo avô-poeta na plaquete **Ilustrações para fotografia de Dandara** (2011):

D., nesta fotografia
reviajo vinte e cinco anos:
regresso a tua mãe menina
em Barcelona, aos dois anos.
(MELO NETO, 2011, p. 15)

¹ Para esta pesquisa foram utilizadas as edições de 1986, 1994, 2008 e 2014.

No inédito, a lembrança da menina Inez, na Espanha, cruza-se à figura da mãe dedicada, fazendo rebentar a emoção do poeta diante da maternidade da própria filha:

Nenhuma filha no mundo
mereceu um tal poema.
Não sei de amor de mãe
que chegasse a essa forma extrema.

Não é você de hoje em dia
tua compostura sevilhana,
miúda, rebelde e tudo
que há de Sevilha a Triana.

É você quando não era
você quando não ainda
você coisa recém-criada
milagre da vida e da rotina.

Não sei de quem no mundo
em que o amor materno
se tenha mostrado bastante,
autossuficiente, completo.²

A seguir, apresentamos o *fac-simile* do inédito “Nenhuma filha no mundo”. O original pertence ao espólio documental de João Cabral de Melo Neto, sob os cuidados do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa³.

2 MELO NETO, João Cabral. “Nenhuma filha no mundo”. In: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), Seção *Produção Intelectual*, “Pasta poemas”. s.d.

3 Registro meus agradecimentos aos representantes legais de João Cabral de Melo Neto, Agência Riff e Editora Alfaguara, pela autorização para uso da imagem de manuscrito inédito neste trabalho.

Edneia Ribeiro: Na antologia **A literatura como turismo** (2016), o leitor pode visualizar detalhes sobre a vida do homem, do diplomata e do poeta João Cabral de Melo Neto. A seleção de poemas sobre lugares onde ele viveu e por onde viajou e os relatos de autoria da organizadora revelam como a vida itinerante influenciou a criação da obra cabralina. De que maneira a passagem por diversos países interferiu também na vida do homem João Cabral e da sua família?

Inez Cabral: Ele disse numa entrevista, que se não tivesse sido diplomata, sua poesia seria diferente. O que eu senti também, é que ele era menos patriarca do que seus irmãos e contemporâneos nordestinos, sobretudo com as filhas mulheres. Mas talvez já fosse assim antes, não sei, porque não era nascida.

Edneia Ribeiro: O João Cabral – pai e o avô – aparece ao longo dessa antologia nos textos escritos por você. Há relatos inusitados sobre o período em que você e a sua irmã, Isabel, ficaram sob os cuidados dele, em Brasília, no início dos anos 1960, entre os quais se destaca o episódio em que ele roda as lojas da cidade – alvoroçada com a renúncia de Jânio Quadros – a fim de comprar uma merendeira nova para acalentar a sua irmã. Que outros gestos do pai João Cabral foram marcantes durante essa fase?

Inez Cabral: Ele me ensinou a fritar ovo e fazer arroz, suas especialidades culinárias, eu diria as únicas, pois ficamos sem empregada e minha mãe estava no Rio de Janeiro. Não aguentou a secura de Brasília. Ele detestava dirigir e foi obrigado a me levar à escola todo dia, não existiam ainda ônibus na cidade.

Tinha que acordar cedo também, o que ele detestava. O carro era hidramático, o que tornava a viagem ainda mais divertida para mim e infernal para ele, pois não dominava o carro que morria de dois em dois minutos. Às vezes, ele me dava dinheiro para comprar gibis ou ir ao cinema, para que eu matasse aula.

Edneia Ribeiro: Na nota preliminar de **A literatura como turismo**, você descreve como sua missão: “tornar seus poemas mais lidos e mostrar facetas menos conhecidas de sua obra”. Quais seriam essas facetas e como elas comparecem em outros livros dele organizados por você?

Inez Cabral: Sempre tive a intenção de tirar dele esse rótulo de difícil, não emocional e sério, que afasta as pessoas menos intelectuais, que aprenderam sobre ele na escola. Espero ter conseguido, pelo menos em parte.

Edneia Ribeiro: Em 2007, foi publicada outra importante antologia - **João Cabral de Melo Neto – O artista inconfessável**. Da ideia concebida por você originou-se uma coletânea, com mais de 50 poemas, que pode ser considerada uma espécie de autobiografia poética de João Cabral. Como explicar esta aparente contradição: a presença de tantos elementos associados ao próprio autor em uma obra, supostamente, alheia à subjetividade?

Inez Cabral: A editora Alfaguara tinha acabado de incluí-lo em seu *cast* e a ideia era montar uma antologia diferente. Eu já tinha esse propósito de torná-lo mais “humano”, e mostrar aos leitores que ele também tinha uma vida. Daí surgiu a ideia.

Adoro essa antologia. Ela nos mostra um pouco de como João Cabral e seus contemporâneos cresceram nos engenhos e depois no Recife. Acho que essa contradição vem de críticos que deram mais importância à forma do que ao conteúdo. Talvez isso explique.

Edneia Ribeiro: Na obra publicada, seu pai homenageou muitos literatos e artistas, alguns amigos, como Vinicius de Moraes, Rubem Braga e Marques Rebelo, por exemplo. O mesmo não se observa em relação aos familiares, que contam com raras menções, geralmente em dedicatórias de livros: “A meu pai e minha mãe”, em **Pedra do sono** (1942); “A meus irmãos”, em **A escola das facas** (1980); “Aos meus filhos”, em **Auto do frade** (1984). Entre os poemas inéditos, o distanciamento de temáticas de cunho mais intimista é mantido. Uma das poucas exceções é o poema “Nenhuma filha no mundo”, com o qual você é homenageada. Como se sentiu ao tomar conhecimento desse manuscrito? É possível associá-lo a alguma situação ou fato específico?

Inez Cabral: Ele não gostava de falar na família em entrevistas. Só respondia a perguntas sobre o seu trabalho. Acredito que foi a mesma intenção ao não publicar esses poemas. Os poemas sobre a Dandara (minha filha e primeira neta) ele mandou para mim, talvez porque quando meu irmão caçula, João que é meu afilhado, nasceu, fiz um caderno com um texto e fotos dele para meu pai. Imagino que tenha querido retribuir.

Fiquei emocionada com esse poema que eu também não conhecia. Quando você me falou dele, achei que poderia ser para a minha irmã, mas quando o li, vi que era comigo mesmo. Minha

irmã nunca foi rebelde e contestadora. E adorei saber do carinho que sentia por mim. Ele não era de demonstrar seus sentimentos. Na adolescência nos afastamos um pouco, porque ele sempre preferiu crianças a adolescentes, e talvez porque eu desse mais trabalho. Algumas pessoas me contavam que ele me achava a menina mais bonita e inteligente do mundo. Ele nunca me disse isso. Adorava me fazer dizer o que eu pensava, por causa da minha espontaneidade e língua bastante ferina, quando o que eu achava da pessoa combinava com a opinião dele. Minha mãe ficava maluca com isso. Uma vez, tentou fazer com que eu respondesse a uma carta que ele tinha recebido, com mentiras e manipulações a meu respeito. Era uma carta de alguém bem conhecido, minha mãe breiou. Eu ia adorar. Mas acho ótimo estar mais contida hoje em dia.

Edneia Ribeiro: Auto do frade (1984) assemelha-se, em certos aspectos, a **Morte e vida severina** (1956), cuja adaptação para o teatro e o cinema pode ter contribuído para que se tornasse o livro mais conhecido de João Cabral. Na condição de cineasta, você já pensou em produzir um filme baseado em o **Auto do frade**?

Inez Cabral: O Auto do frade foi encomenda minha. Passei a infância ouvindo ele dizer que se tivesse um filho cineasta adoraria fazer esse auto para ele. Como fui fazer cinema, cobre dele, que tentou escapulir dizendo que não sabia escrever roteiros. Eu lhe disse que escrevesse um poema, eu o adaptaria para o cinema. O roteiro está pronto desde os anos 80, mas não se tem talento para tudo, né? Consegui colocá-lo na Lei Rouanet, foi aprovado algumas vezes, mas não nasci para ser

vendedora. Daí desisti. Não tinha um grande atrativo comercial, não era um filme convencional, e dele não participavam atores globais. Cansei de dar murro em ponta de faca, quando ele me aconselhou a deixar o cinema, porque não queria fazer filmes comerciais, os que pagam, e cinema arte é coisa de milionário. (Em suas palavras), ele me disse para escrever. Demorei anos para seguir seu conselho. O peso do sobrenome não deixava. E não sou poeta.

Edneia Ribeiro: Você também foi responsável por organizar duas publicações póstumas – **Notas para uma possível A casa de farinha** (2013) e **Ilustrações para fotografias de Dandara** (2011). A plaquete de 2011 revela o afeto do avô-poeta que, mesmo em gesto intimista, não se descuida do seu fazer literário. Além de Dandara, outros familiares foram homenageados com esse tipo de mimo? Há material semelhante a esse sob os cuidados da família?

Inez Cabral: Fiquei assombrada e emocionada quando ele chegou um dia para mim, já quase cego e me deu um fichário escolar verde, velho e gasto pelo tempo e me disse: – Trabalhei nessa ideia alguns anos, mas não acabei. Vê se presta para alguma coisa (!!!!)

Caí das nuvens. Pela primeira vez, senti que ele me levava a sério. Ele morreu pouco tempo depois, e passou um ano ou dois para que eu tivesse coragem de me debruçar nesse trabalho. Quando o li e decifrei, senti um pouco como se visse as rodas dentadas de seu cérebro ao fazer um trabalho. Como o texto estava uma bagunça, tentei ordená-lo no meu ponto de vista que é o cinema, para mostrar ao mundo uma radiografia de sua

criatividade. E o propus para a editora, que acatou minha ideia.

Quanto aos poemas sobre a Dandara, achei que por serem inéditos, e manuscritos, seus leitores mereciam conhecê-los. E neles está a única citação a mim, que pensava que tinha feito. Por isso fiquei tão feliz quando você descobriu o outro. Cheguei a ver dois poemas que fez para o João, o caçula, e para o Roberto, meu sobrinho mais velho. Mas infelizmente se perderam, procurei e nunca mais achei.

Edneia Ribeiro: Ainda na nota preliminar de **A literatura como turismo**, você descreve certo incômodo ao perceber que João Cabral era um nome conhecido, mas pouco lido. No ano em que se comemora o Centenário de nascimento, como você avalia a recepção da poesia de João Cabral? Que ações podem contribuir para a difusão da sua obra principalmente entre os leitores comuns?

Inez Cabral: Acho que os jovens hoje em dia estão gostando mais de poesia. Acho também, que devagar, a passos de formiguinha, estou conseguindo torná-lo mais acessível e menos assustador. Soube de um garoto, num boteco perto de minha casa, O Beco do Rato, que apresentou um poema dele em rap. Não ouvi, mas amei saber.

Edneia Ribeiro: Com o lançamento de **O que vem ao caso** (2018), você lembra que o sobrenome Cabral de Melo também lhe pertence na escrita. Conforme narrado no livro, o seu pai havia lhe aconselhado a se dedicar à escrita. Embora seja o primeiro livro publicado, há trabalhos anteriores? Planeja escrever e publicar outros?

Inez Cabral: Pois é, esse foi um trauma que tive que superar. Mas a maturidade traz isso, não é? Esse livro não foi programado como livro. Nasceu de textos que postava no Facebook, numa época em que estava bastante deprimida, tentando fazer um balanço de minha vida e meu aprendizado. Comecei a pensar no assunto depois das inúmeras curtidas e de amigos que me perguntavam quando o livro seria publicado. Espero publicar outros, mas minha especialidade são textos curtos, o romance me assusta. Tenho alguns contos, mas estou dando um tempo, o isolamento social me deixou vazia. Apesar de meu pai dizer que a inspiração não vale nada, o que vale é o trabalho, acho que nisso sou diferente, preciso trabalhar a partir da inspiração. E essa inspiração me vem das pessoas e personagens com quem cruzo pela rua, de um brilho numa folha, em coisas assim. A última coisa que escrevi foi sobre uma barata agonizante com quem me deparei no meu banheiro, depois de dedetizar a casa. E neste isolamento, tenho apenas a vista da janela e a companhia do meu cachorro. Mas isso também vai passar. Quanto a textos anteriores, até surgiram, mas o trauma do meu sobrenome me impediu de guardá-los. Ficaram apenas os roteiros que sobreviveram, espalhados por aí.

Edneia Ribeiro: Mesmo retratando experiências de vida da própria autora, **O que vem ao caso** é narrado na 3ª. pessoa do discurso. Essa característica pode ser entendida como uma tentativa de separar a autora da narradora?

Inez Cabral: O recurso de escrever na terceira pessoa foi para me distanciar do assunto tratado e conseguir ver com mais precisão os acontecimentos. Como meu pai, não sou muito adepta a derramamentos inúteis e crises de autocomiseração.

Edneia Ribeiro: No capítulo 42, há um relato curioso envolvendo um exemplar da HQ **Asterix e Obelix** que você leva para casa nas férias de Natal, após o fim do trimestre em um Internato na Suíça. “O pai, ranzinza, diz que é sublitteratura e perda de tempo”, mas depois acaba se rendendo e passa a comprar e ler os novos números de **Asterix**, com frequência. Nesse mesmo capítulo, a autoridade do pai é contestada por você, quando ele tenta lhe desencorajar a ler **Le Bateau ivre**, de Rimbaud. Qual foi o papel de um pai-poeta na sua formação como leitora?

Inez Cabral: Ele era assim mesmo. Mas convenhamos que Astérix era irresistível. Não é? Quanto ao episódio do Bateau Ivre, essa era a minha relação com ele na adolescência. Ele sempre me indicou leituras, assim como a meus irmãos, com ênfase nos romances históricos. Acho que ele os lia durante a adolescência. Mas, ao mesmo tempo, que indicava, praticava comigo psicologia reversa, porque sabia que eu era, e ainda sou extremamente reativa. Minha primeira reação é sempre “não”. Quando disse que eu não ia entender, queria implicitamente que eu lesse, mas só descobri isso muitos anos depois.

Ele indicava livros, mas nunca se opôs a que eu lesse o que me desse na telha. No máximo debochava, se fosse um best-seller. Nunca me indicou poesia. Apenas, já adulta, me deu uma coleção de Jacques Prévert.

Edneia Ribeiro: Sobre os inéditos, descobertos recentemente na Fundação Casa de Rui Barbosa, você tem alguma hipótese para o fato de terem permanecido desconhecidos

por tanto tempo? Que razões teriam levado João Cabral a não publicá-los? O que representou para você saber da existência desse material?

Inez Cabral: Talvez, porque achasse que não estavam prontos, ou por serem confessionais demais, não sei. Talvez, porque fossem escritos depois de **Museu de tudo** (1975), que, segundo ele, é seu único livro de poemas avulsos. Todos os outros têm uma preocupação com forma, estrutura ou conteúdo. Fiquei feliz e emocionada, adorei. Acho que seu trabalho de garimpagem foi sensacional.

Recebido: 10/10/2020 // Aceito em 10/12/2020